IMITAÇÃO,

PARODIA E CENTONISAÇÃO

DE

DEZ ESTROPHES

DOS

LUSIADAS DE CAMÕES

EM

1628

POR

FR. CHRISTOVÃO OSORIO

RELIGIOSO TRINITARIO:

COM

UM PREAMBULO

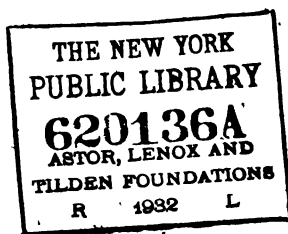
DO

PROFESSOR DECANO DO LYCEU BRACARENSE

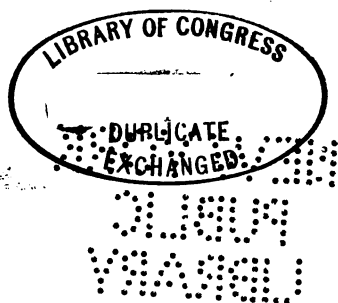
Pereira-Caldas

BRAGA

Typographia de Gouvea

1884

É de 44 exemplares a *tiragem :* 2, em cartão rosa ; 3, em cartão telha ; 3, em cartão verde ; 3, em cartão carne ; 3, em cartão palha ; 4, em papel verde ; 4, em papel pedrez ; 4, em papel amelado ; 4, em papel alaranjado ; 4, em papel arroixado ; e 10, em papel branco escolhido.

Não se expoem *um exemplar* sequer á venda : — e serão *numerados* e *tymbrados* todos.

PERMUTAM-SE *os exemplares em côr.*

« Ditosas verdades »

Soror Violante do Ceo—PARNASO LUSITANO, T. I. P. 432.

I. — Em 1628, imprimiu-se em LISBOA — na officina de *Pedro Craesbeeck* — uma « obra » de *muita raridade* agora, no formato do nosso 8.º pequeno, equivalente ao formato francez de 16.º

Foi auctor d'esta « obra » *Fr. Christovão Osorio,* religioso da «Ordem da Trindade», instituida nos fins do seculo XII = 1198 = por dois varões de famigerada sanctidade : — *Felix de Valois,* francez d'origem, e *João da Matta,* portuguez de naturalidade.

II. — Assim o faz acreditar — « em honra nossa » — *Antonio de Sousa de Macedo,* filho egregio do PORTO em 1606, nas FLORES DE ESPAÑA Y EXCELLENCIAS DE PORTUGAL, no Cap. IX. Excel. 8.

E assim o tem para si tambem *Fr. Antonio Brandão* na MONARCHIA LUSITANA — no Tom. IV — nas ADVERTENCIAS FINAES do Livr. XV.

III. — Eis aqui o titulo da « obra » de *Fr. Christovão* :

« PANCARPIA : prosas historicas e titulares, e ver-
« sos differentes, do *Padre Fr. Christovão Osorio,*
« Religioso da Ordem da Sanctissima Trindade : de
« varões collocados e illustres da mesma Ordem da
« Sanctissima Trindade da Redempção dos Captivos,
« com algumas excellencias d'ella ANTES.

IV. — Só nós em BRAGA possuimos esta « obra » em nossa livraria : — tendo-nos custado outr'ora 8:000 reis em LISBOA, onde na mesma occasião nos davam 12:000 reis por ella, no caso de convirmos em a alienar de nós.

Tambem a não possue a BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO — conforme *Ricardo Pinto de Mattos* deixa vêr no MANUAL BIBLIOGRAPHICO, omittindo no « artigo » OSORIO (Fr. Christovão) — Pag. 434 — o ASTERISCO indicador dos LIVROS do ESTABELECIMENTO (Pag. XI).

V. — A circumstancia das NOTICIAS PRELIMINARES — consagradas na *Pancarpia* ás excellencias da ORDEM TRINITARIA — fazem d'esta «obra» uma *Chronica Monastica* : — e tem por isso « duplicadissimo valor », nas COLLECÇÕES BIBLIOGRAPHICAS dos amadores.

Vale como ESCRIPTO BIOGRAPHICO e como ESCRIPTO CONVENTUARIO : — e d'ahi a *diligencia* com que é procurada, e a *difficuldade* com que é conseguida.

VI. — Na *Bibliographia Historica Portugueza* — coordenada pelo illustradissimo *Conse-*

lheiro Jorge Cesar de Figaniere — não foi olvidada a *Pancarpia* na Part. III, no Tit. 2.º, como logar por S. E. consagrado ás *Chronicas e Memorias das Ordens Religiosas, e Fundações de Conventos.*

Faz-se esta menção com o *numero 1299* — onde a « ordem alphabetica » do AUCTOR lhe dá cabida.

VII. — N'esta *Pancarpia,* consagra-se um ENCOMIO em « cinco laudas » em PROSA — « desde folha 120 a folha 122 » — ao *Bemaventurado Martyr Portuguez* FR. PEDRO DA COVILHAN, *Confessor de* VASCO DA GAMA, na arrojada expedição do *descobrimento da India:* — expedição sahida de LISBOA n'um *sabbado,* em que se contavam 8 de Julho de 1497 ; e não era senão composta de *quatro embarcações* ao todo.

Não ha fóra d'estes dados — contra estas *indicações* — exacção historica alguma.

VIII. — Eis-aqui os *nomes* dos *quatro vasos* d'esta *expedição :*

1.º A *Capitania* S. GABRIEL, em que ia o *capitão-mór* VASCO DA GAMA — levando por PILOTO a *Pero d'Alemquer,* que em 1497 tinha chegado até o *Rio do Infante* com *Bartholomeu Dias* — « O PRIMEIRO DOBRADOR do CABO DAS TORMENTAS E DAS ESPERANÇAS » : — *cabo* que fornecêra a CAMÕES nos *Lusiadas,* « no Cant. V », o *episodio magestoso* do ADAMASTOR. — Por ESCRIVÃO, ia *Diogo Dias,* irmão do *Bartholomeu Dias* — que não fôra no entanto o dilecto de *D. João II,* para DOBRADOR do CABO TORMENTORIO em 1486 ; mas o « ar-

gonauta aventuroso» João Infante, como deixa inferir *Gaspar Correa* nas *Lendas da India*.

2.º O S. Raphael, em que ia por *capitão* Paulo da Gama, irmão do *capitão-mór* Vasco da Gama — levando por piloto a *João de Coimbra;* e por escrivão, a *João de Sá.*

3.º O Berrio, em que ia por *capitão* Nicolau Coelho — levando por piloto a *Pero Escobar;* e por escrivão, a *Alvaro de Braga.*

4.º A nau dos mantimentos, a que ia commandando *Gonçalo Nunes,* familiar de Vasco da Gama.

IX. — Alem d'estes *argonautas arrojados,* conservou-nos ainda a historia os *nomes* d'outros: — e *dois* d'elles mencionaremos aqui, aproveitando a «opportunidade», com que *ambos* nos affluem aos bicos da *penna.*

São *Alvaro Velho,* de que nos dão noticia *Barros* e *Castanheda,* com o alludido *Pedro da Covilhan* — cognominado *Covilhones* na *Pancarpia* — para não fallarmos de *Faria e Sousa* ainda.

X. — Escusado será dizer-se, que nos referimos ás *Decadas da Asia*, com o *João de Barros;* á *Historia do Descobrimento da India,* com o *Fernão Lopes de Castanheda;* e á *Asia Portugueza,* com o *Manuel de Faria e Sousa.*

Não ha cultor de lettras nosso, nem extrangeiro ainda, que em sobra os não conheça.

XI. — Mencionamos de proposito a *Pedro da Covilhan,* no intuito de comprovar com isto, que não é só *Fr. Christovão Osorio,* o que unicamente se lembra d'elle.

Mencionamos egualmente o *Alvaro Velho,* por ser elle para o finado *Diogo Köpke* — nosso fallecido amigo portuense — o AUCTOR PLAUSIVEL do *Roteiro da Viagem* de *Vasco da Gama,* proseguida arrojadamente em descobrimento da INDIA: — *Roteiro* de valia, annotado por esse eximio *lente* da academia polytechnica do *Porto*, que sem replica chegára a fixar — *em 8 de Julho de 1497* — a DATA CONTROVERTIDA até então, em que para a INDIA partira de *Lisboa* o GAMA.

XII.—Mencionamos ainda o ALVARO VELHO—(diga-se de novo) — para notarmos aqui aos nossos leitores, que o SUPPOMOS, de dia em dia, *não ser o effetivo escriptor* do *Roteiro* do GAMA: — tendo para nós, *como de plausibilidade maior,* que per si o compozesse o ALVARO DE BRAGA, escrivão da « caravella » *Berrio.*

Nem deixaremos perder a occasião, para não consignar aqui, o ser *Berrio* um APPELLIDO de « familia nobre », enlaçado com o « nobre » d'*Alpuim* tambem, no *casamento* de *João Gonçalves d'Alpuim* — filho de *Lopo d'Alpuim*, que era filho de *Alvaro d'Alpuim,* senhor da *Gollegan* e *Azinhaga* em tempo do rei *D. João I*—em que o servira galhardo na guerra—sendo o edificador da capella do SALVADOR na Sé de Lisboa, onde na morte fôra sepultado.

XIII. — Aventamos aqui em *Braga* na *Borboleta* a nossa CRENÇA, em relação a ALVARO DE BRAGA

como AUCTOR do *Roteiro* do *Gama* — ao escrevermos n'este *semanario* alguns *artigos* — «Vol. 2.º N.º 21, e Vol. 3.º N.os 1 e 7» — ácerca das *Cartas Bibliographicas* do nosso amigo da LOUSAN, o illustrado amador de livros *Annibal Fernandes Thomaz*, começadas a publicar então em 1876.

No « Vol. 2.º » d'estas *Cartas*, adduzem-se no fim — *em appendice* — os alludidos *artigos* nossos.

XIV. — Bastariam para a nossa *plausibilidade* — em mingua d'outros DADOS ainda — estes « dois capitaes » apenas :

1.º O ser o *auctor* do ROTEIRO « uma pessoa de importancia », escolhida como tal em mais d'um lance d'occasião — « chegando até a fazer parte do *cortejo* de VASCO DA GAMA, na audiencia apparatosa do *Camorim* em *Calecut* : — e o ser mais apto para casos d'estes *um escrivão dos vasos*, « amestrado em ouvir e escrever », do que um *mero marinheiro* d'elles — como era o *Alvaro Velho* :

2.º O findar *exactamente* o ROTEIRO em 25 d'Abril de 1499, depois de cujo dia se apartára de *Vasco da Gama* a caravella de *Nicolau Coelho* — dirigindo-se DIRECTAMENTE a *Lisboa*, onde entrárá em 10 de Julho, « no intuito plausivel de ganhar as *alviçaras* do « descobrimento effectuado » : — e o cessar por isso, para *Alvaro de Braga*, o motivo da *continuação* do ROTEIRO, como ESCRIVÃO do BERRIO. — O que não tinha logar algum, *em relação aos escrivães dos outros vasos*, COMO EM VIAGEM DE REGRESSO

AINDA, até os futuros fins do *Agosto*, ou principios do *Septembro*, em que só entrára em *Lisboa* o *Vasco da Gama* — conforme o consenso geral.

XV. — Deixando *registrada* aqui esta PLAUSIBILIDADE nossa — impellida dos bicos da penna ao papel em aproveitamento d'opportunidade — notaremos haver na *Pancarpia* tambem, depois d'um ENCOMIO em « prosa » a *Fr. Pedro da Covilhan*, ainda um ENCOMIO em « verso » — consagrado ao mesmo *martyr* egualmente—e ao mesmo *auctor* da *Pancarpia* devido.

Começa no « verso » da « folha » 122, e finda no « verso » da « folha » 124 — « occupando outras cinco laudas tambem ».

XVI. — Na *Bibliographia Camoniana* do *Dr. Theophilo Braga* — luxuosamente editada pelo *Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro* — não se olvidou a menção d'este ENCOMIO em « verso », lembrando-se na pag. 132.

Menciona-se ahi com « estas palavras »—em que é mister emendar-se o OITO em DEZ :

« Traz (*Pancarpia*) uns *versos* a *Fr. Pedro da Covilhan,* capellão-mór da *armada* de *Vasco da Gama,* em OITO OITAVAS, em que *imita, parodia,* e *centonisa* CAMÕES nos *Lusiadas*.

XVII. — São de *remotissima data* as *centonisações dos poetas*, historiadas «minuciosamente» em *Octavio Delepierre* — com o *veo anonymo* de UM BIBLIOPHILO BELGA — na *Revue Analytique*

des Ouvrages écrits en Centons — *depuis les temps anciens jusqu' au XIX siècle.*

Editou-a nitidamente — em LONDRES — a «livraria» *Trübner & Companhia*, em 112 exemplares *apenas* — *formando cada um d'elles um grosso volume* em 4.°, repleto d'especimens valiosos.

XVIII. — Em « resumo » somente, acha-se uma *noticia essencial* dos CENTÕES — «com especimens selectos» — nos *Amusements Philologiques* de *Gabriel Peignot,* editorados com o seu PSEUDONYMO de PHILOMNESTE.

Consagra-se-lhes ahi um *artigo* especial — «ataviado da erudição caracteristica do illustrado auctor».

XIX. — Se houveramos de lembrar DICCIONARIOS aqui, em relação a CENTÕES; a *dois* nos limitáramos apenas:

Dos « extrangeiros » — ao *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle,* coordenado por *Larousse,* e começado a editar em 1866.

Dos « nacionaes » — ao *Vocabulario Portuguez e Latino* de *D. Raphael Bluteau,* « ornamento da *Ordem Theatina* entre nós », e de que viera á luz o *Vol. I* em 1712.

XX.—O que não deixaremos *sem correcção,* «visto lembrarmos-nos aqui de *Larousse*» ; é o dizer-nos elle, que *o mais antigo* CENTÃO — conservado até nós — é a MEDEA do *Hosiodo Geta.*

¡ Como se esta *tragedia* — « em lingua latina » — fosse *o mais antigo centão* conhecido !

XXI. — Se o *indefesso vocabulista* — « no meio das lides quotidianas » — profundasse devidamente o ASSUMPTO ; remontaria convicto — firme e inabalavel — alem dos 200 annos posteriores á *era vulgar*, assignados como epocha ao *Hosiodo Geta.*

Iria deparar « muitos annos antes » com CENTÕES — descobrindo-os na *Biblia* em *especimen curioso :*—sem nos esquecermos todavia dos *cantos* dos *rhapsodos* da *Grecia*, « verdadeiros CENTÕES de *versos homerianos.*

XXII. — Como aqui nos afflue aos bicos da penna *este especimen ;* indicado aqui o deixaremos, em mimo aos curiosos n'estas especies.

É elle o *Hymno de Jonas—no ventre do animal do mar em tres dias* — como na alludida *Revue Analytique* faz vêr o BIBLIOPHILO DELEPIERRE ; e como póde vêr-se ainda nos *Études Encyclopédiques* de *João Reynaud* — Tom. I. Pag. 252 — na edição de 1866.

XXIII. — A este respeito, são *tam especiosas* n'essa *Revue* umas *duas indicações* — que não nos attreveriamos a omittil-as aqui.

Eis a « primeira » d'ellas :

« La ville phénicienne de *Joppé,* près de laquelle apparaît le *monstre marin* de *Jonas,* est justement celle qui, au dire de *Pline* et de *Strabon,* avait donné

naissance à un autre *monstre* non moins célèbre = *celui d'*ANDROMÈDE *que tua* PERSÉE ».

« Cette coïncidence a frappé *Saint Jérome!* »

XXIV. — Eis-aqui a *segunda* das *indicações*:

« Un autre *mythe* au moins aussi ancien—puisqu' on en trouve des traces dans Homère — est celui de la *fille* de LAOMÉDON, exposée également au milieu des flots, et délivrée par HERCULE d'un monstre marin»..

« HERCULE se jette *dans la gueule* de la *bête*; passe comme JONAS *trois jours dans son ventre*; puis en sort *victorieux* à l'aide de son épée ».

XXV. — Eis-aqui emfim o *fecho* d'esta exposição:

« Un *trait* aussi bizarre que l'*emprisonnement* d'un HÉROS *dans* LE VENTRE d'un *poisson* — une fois inventé — n'est pas facilement abandonné par l'imagination populaire ».

« Aussi les HÉBREUX l'appliquérent-ils à la LÉGENDE de *Jonas*».

XXVI. — Alargamos atéqui um pouco as *velas*, entranhando-nos em *accessorios* ao nosso ALVO—para não perdermos a opportunidade de os offertar, *n'esta occasião*, aos não dados a estas miudezas curiosas.

Vamos no entanto contrahir-nos agora — expondo aos amadores do nosso *alvo*, o que são os CENTÕES dos *poetas*—e do que são *analogos* em assumpto os CENTÕES dos MUSICOS, « pasticci em termos proprios ».

XXVII. — Podendo servir-nos do *Bluteau* no *Vocabulario* — preferimos aqui o *Diccionario Portuguez* de *Antonio de Moraes*, como do manuseamento mais vulgar entre nós.

Nem é mister mais para o caso, que saber-se com elle—serem CENTÕES «*os versos d'algum auctor escolhidos, com que se urde uma peça poetica*»; *á similhança da* ECLOGA *de* FARIA E SOUSA, *em que elle descreve a* VIDA *do* CAMÕES, *com* VERSOS *das* OBRAS *do mesmo epopaico* — LUSIADAS *e* RHYTHMAS.

XXVIII. — Eis-aqui para *especimen* — «com omissão dos logares dos versos» — a *estrophe primeira* d'essa ECLOGA, a que dera o *centonisador* o «titulo» de CINTRA, e em que são «interlocutores» FARIA e ALMENO:

ALMENO

«Á sombra d'este umbroso, e verde louro,
«Revolvendo memorias magoadas,
«Na *Fonte de Aganippe* distillando
«De lagrymas um vaso;
«Com verdadeiras lagrymas,
«Se a dôr me não congela a voz no peito,
«Se a tanto me ajudar o engenho e arte,
«Cantarei o que n'alma tenho escripto
«D'aquelle gran PASTOR, que em nossos dias
«Defende o SER DIVINO,
«Ornou d'altas sciencias o DESTINO..

XXIX. — Eis-aqui outro *especimen* ainda — « com indicação dos logares dos versos » — n'um *Soneto* d'allusão historica, só á custa dos *Lusiadas* contextuado — « sem promiscuidade das RHYTHMAS, como na *Ecloga* alludida » :

«Faz contra *Lusitania* vir *Castella* (C. 4. E. 6)
«O filho de *Filippe*, n'esta parte ; (C. 1. E. 75)
«Fervendo-lhe no peito o duro *Marte* (C. 3. E. 30)
«Das soberbas e varias gentes d'ella. (C. 4. E. 57)

«Quando dá a grande e subita procella, (C. 6. E. 71)
«Um *portuguez* mandado logo parte : (C. 7. E. 23)
«Treme a bandeira, voa o estandarte, (C. 2. E. 73)
«Com manha, esfôrço, e com benigna estrella.(C.8.E.25)

«Eis se ajuncta o *soberbo castelhano* ; (C. 3. E. 34)
«Porque levasse ávante o seu desejo, (C. 3. E. 75)
«Tomando aquelle premio e doce gloria. (C. 9. E. 39)

«Mas nas mãos vai cair do *lusitano* (C. 2. E. 69)
«SANCHO, d'esforço e d'animo sobejo, (C. 3. E. 75)
«Que causa inda será de larga historia. (C. 4. E. 74)

XXX. — Consagra-se a uma nossa *victoria* assignalada este SONETO — nas *Poesias* de *André*

Nunes da Silva — donde o vulgarisamos no anno de 1880, no *tricentenario Camoniano,* com outro SONETO CENTONICO do *Fr. Manuel do Sepulchro,* impresso ANONYMO nos *Applausos Academicos da Universidade de Coimbra ao Rei D. João IV.*

Alludimos á *victoria* do AMEIXIAL no *Alemtejo* — em 8 de Junho de 1663 — ganha por *D. Sancho Manuel,* « primeiro conde de *Villa-Flor* », ao infante *D. João d'Austria,* « filho do rei da HISPANHA *D. Filippe IV* » — entre nós o 3.º em nome — « na guerra da nossa restauração ».

XXXI. — Eis-aqui outro *especimen* emfim — « n'um SONETO em *hispanhol* do mesmo *André Nunes da Silva,* CENTONISADO com VERSOS do nosso *Miguel da Silveira* de CELORICO DA BEIRA, no seu « poema heroico » *El Macabeo* — « consagrado á restauração de JERUSALEM » :

«Llevaste, escura muerte, el claro dia
«De las rosadas puertas del *Aurora:* } C. 15. E. 64.
«Menos lumbre del *Sol* en si atesora (C. 15. E. 72.
«Su bello rostro, que *Cupidos* cria. (C. 14. E. 106.

«Las almas en ausencia de *Maria*
«Son lagrimas, que amor desata y llora : } C. 15. E. 64.
«Siempre obtuvo la palma triunfadora ; (C. 18. E. 67.
«Ya representa la tiniebla fria. (C. 18. E. 1.

«O alma ! en este trono te sublima
«Que en los *Campos Eliseos* adquiriste, } C. 5. E. 67.
«Como en tanto rigor el *Hado* ordena. (C. 10. E. 49.

«Saudades el *Amor* con fuego imprima
«Dentro del coraçon del mundo triste : } C. 15. E. 67.
«Verás el simulacro de mi pena. (C. 6. E. 30.

XXXII. — Consagra-se este Soneto á morte d'uma dama, de que era *Maria* o nome, « sem que o poeta a individue mais » : — e centonisa-se com *versos iniciaes* aos pares nos *quartetos* e nos *tercetos*, ao contrario da centonisação usual *verso* a *verso*, como no anterior Soneto em portuguez — o « unico » em Bluteau copiado no *Vocabulario*, no « artigo » Centões, como *exemplo* na *especie*.

A esta *centonisação pareada*, não a quer em uso o « poeta romano » Ausonio — *o legislador patriarcha do assumpto* — embora ampliado ao depois por outros *legisladores poeticos* ainda.

XXXIII. — Eis-aqui algumas *leis centonicas* do alludido *legislador patriarcha*, na Epistola ao amigo Paulo, antes do Idyllio xiii :

« Variis de locis, sensibusque diversis, quaedam carminis structura solidatur: in unun versum ut coeant aut caesi duo, aut unus et sequens cum medio; *nam duos junctim locare ineptum est ;* et tres *una serie*, merae nugae.....

Sed peritorum concinnatio miraculum est.......... sensus diversi ut congruant; adoptiva quae sunt, ut cognata videantur; aliena ne interluceant; accersita ne vim redarguant; densa ne supra modum protuberent; hiulca ne pateant ».

XXXIV.—Como *especimen singular* d'estas REGRAS CENTONICAS, no mesmo AUSONIO ha o CENTO NUPTIALIS —*poema* libidinoso — contextuado de VERSOS do CANTOR da ENEIDA, «exalçador de MANTUA».

Não o compoz no entanto, *senão por assim lh'o ordenar o seu imperador* VALENTINIANO:—e d'esta *composição forçada*, signaes de penalisação dera depois — como é fama — este « filho egregio » de *Bordeus* na *França,* e em ROMA «preceptor» dos «imperadores» *Graciano* e *Valentiniano II,* «filhos» do «imperador» *Valentiniano I,* fallecido em 375 da *era vulgar.*

XXXV. —Em contraposição ao CENTO NUPTIALIS do *Ausonio* — «libidinisando castos versos eneidanos» — urdiu a «poetisa romana» *Proba Falconia,* «em caracter christianissimo», outro bello CENTÃO LATINO, com versos do mesmo *poeta mantuano.*

Tem por titulo = *Probae Falconiae Vatis Clarissimae, à Divo Hieronymo comprobatae,* CENTONES, *de Fidei nostrae Mysteriis : e* MARONIS *Carminibus excerptum* OPUSCULUM.

XXXVI — Cumpre lembrar no entanto, que não passa hoje entre os *bibliographos*—COMO SENDO A CENTONISADORA—esta *Proba Falconia* de *S. Jeronymo* nas EPISTOLAS, e do *Cardial Baronio* nos ANNAES :—acostando-se a elles o INDEX AUCTORUM BIBLIOTHECAE PA-

TRUM no Tom. I, e com elle nos AMUSEMENTS PHILOLOGIQUES o erudito *Gabriel Peignot* — PSEUDONYMOSADO em *Philomneste*.

XXXVII. — Conhecem-se hoje «biographicamente» duas *Falconias* distinctas: — *Anicia Falconia Proba*, e *Valeria Falconia Proba*.

A *Anicia* — era mulher de *Sexto Petronio Probo*, e mãe dos «consules» *Olybrio, Probinio*, e *Probo*: — e era da «intimidade ascetica» de *S. Jeronymo* e *Sancto Agostinho*.

A *Valeria* — era mulher do «proconsul» *Adelphio*, varão cultivado em lettras: — e foi ella a CENTONISADORA afamada do *Velho Testamento* n'uns 300 VERSOS, e do *Novo* n'uns 350 — «embora *Schoell* na *Histoire de la Littérature Latine*, T. III. Pag. 80, lhe supponha a só existencia de FRAGMENTOS», — com *mimosos carmes* do *Cantor* da *Eneida*.

XXXVIII. — Assim nos comprova esta *paternidade* o *Padre Thomaz de Simeões*, «Provincial» da «Ordem Augustiniana» em *Romania* na *Italia*, n'um escripto *rarissimo* de 1692: — comprovando ao mesmo passo, que é *Faltonia* que devemos escrever, e não *Falconia* como é d'uso geral.

Tem por titulo = *Historica Dissertatio de tollenda penès gravissimos scriptores insolitâ ambiguitate et confusione inter duas antiquas Romanas Matronas, professione Christiana celebres, videlicet Aniciam Faltoniam Probam, et Valeriam Faltoniam Probam*.

XXXIX. — Exigia-nos estas «illucidações» o nosso

escôpo, consagrado a pôr em relêvo as DEZ OITAVAS de *Fr. Christovão Osorio* na *Pancarpia*, como CENTONISADOR de «quilates especiaes» entre os demais *vates congeneres.*

Nem deixarão de agradecer-nos a *lembrança,* os que não são dados a estes *esmerilhamentos criticos,* e não poucas vezes se affastam por isso do *sol da verdade,* na persuasão de se aproximarem d'elle:—realisando assim O NIGRA IN CANDIDA VERTUNT, em phrases de *Juvenal* na *Satyra* III. v. 30 — sem até se eximir d'isso um *Padre José Vicente Gomes de Moura* entre nós, nos *Monumentos da Lingua Latina* — Pagg. 166 e 167. §. 227, com Pag. 158. §. 220.

XL. — Á *transcripção* aqui das CENTONISAÇÕES do *Padre André Nunes da Silva* — embora de nós vulgarisada já no TRICENTENARIO CAMONIANO A PORTUGUEZA —impulsou-nos *em amor patrio* a *Revue Analytique des Centons,* com estas palavras «*singulares*» n'um *indagador indefesso,* como é o BIBLIOPHILO BELGA *(Octavio Delepierre)* :

« A l'exception de l'italien, dont les formes ont tant de rapports avec le latin — *et d'un seul exemple en anglais* — je n'ai pu trouver de POÉSIE-CENTON, ni en français, ni en allemand, ni en *espagnol*».

XLI. — Era-nos mister *contrariar* aqui o illustrado BIBLIOPHILO BELGA, apresentando para isso EXEMPLOS de *centões,* tanto em *hispanhol* como em *portuguez:* — não deixando de notar por esta occasião, que debaixo do *nome generico* ESPAGNOL — em «sentido lato»

— é com frequencia comprehendido lá fora o *portuguez* tambem, como em *Delepierre* é palpavel no *excerpto* alludido.

Ás vezes — até nos appellidam *portuguezes* da *Hispanha* os extrangeiros, ao occuparem-se em assumptos nossos !

XLII. — Se não receáramos exceder os limites de um PREAMBULO; poderiamos amontoar aqui *exemplos domesticos* de CENTÕES, com alguns INEDITOS ainda.

Fal-o-hemos entretanto um dia talvez — « com os subsidios que temos para isso » — no caso da *vida* e a *saude* nos permittirem *assiduidade* no trabalho.

XLIII. — Ao que não podêmos resistir agora, é a lembrar aqui *dois* CENTÕES *patrios*, de que aos *amadores* da ESPECIE não é justo o olvido.

É em *lingua portugueza* o *primeiro* d'elles, e em *lingua latina* o *outro* — mas de *escriptores patrios* os *dois ambos*.

XLIV. — Á *sepultura* de LUIZ DE CAMÕES — com *versos* das RHYTHMAS extraidos — endereçára *João Gomes do Pego,* n'um SONETO, o alludido *especimen* primeiro : — SONETO, que espalhamos aqui em *Braga avulso,* no *tricentenario camoniano* em 1880—«e anda transcripto nos *Lusiadas* em mais d'uma *edição*» — dando-lhe começo o *quarteto* seguinte :

«Debaixo d'esta pedra está mettido (Son. 63)
«Um varão sapiente, em quem *Thalia,*(Terc.a D.Leonis)

«Nos versos saudosos que escrevia, (Eleg. 3)
«Alegra o mundo todo entristecido. (Ecl. 5.)

XLV. — Em *Eloi de Sá Sotomaior* — auctor do *Jardim do Ceo* e das *Ribeiras do Mondego* — acharemos n'uma ELEGIA, *centonisada* em *versos* de mais d'um *latinista,* o supra-alludido *especimen* segundo.

É folhearem-se as *Decisiones Senatûs Regni Lusitaniae* — em 1619 sahidas da penna do nosso *Belchior Febos,* e em 1713 illustradas ANONYMAMENTE pelo *Dr. José dos Sanctos Palma*:—e é folhearem-se «nos principios» do Tom. I.

XLVI. — Em relação ás *Parodias* — «assumpto *segundo* nosso» — não alargaremos COM ELLAS tanto os vôos, quanto com os CENTÕES atégora.

É *mais conhecido* em si o *assumpto* — «ainda nos menos dados a estudos litterarios» : — e exige-nos por isso «ensanchas menores» aqui.

XLVII. — Não se esqueça no entanto, que não é senão ás *obras* dos *genios* — que dão os seculos as *honras* da PARODIA.

Sirva d'exemplo a *Iliada* — *epopea* immortalisadora do *Homero* — *parodiada* no «poema-heroe-comico» a *Batrachomyomachia*, correspondente em «vernaculo nosso» a RANA-RATO-GUERRA.

XLVIII. — Ahi chistea o *parodiador* — « em

combate de *rans* e *ratos* outr'ora » — a *lucta encarniçada* dos GREGOS e TROIANOS, oriunda do rapto da formosa *Helena* — consorte do rei de *Sparta* MENELAU — pelo filho *Paris* de *Priamo,* «o ultimo rei de *Troia*».

E tam *chistosa* achava *Marcial* em *Roma* esta *parodia,* que no Livr. XIV — Epigramma CIII — incitava os *amadores* a lêl-a, endereçando-se-lhes n'este verso exorativo:

« Perlege, Maeonio *cantatas* carmine *ranas* »

XLIX. — Possue em *verso* a « nossa lingua » a *Batrachomyomachia* — transfundida do « original grego » — com antecedencia d'um PREAMBULO de « curiosas noticias ».

E n'ELLE se lembra o «traductor» — *Antonio Maria do Couto* — dos principaes « poemas-heroe-comicos » conhecidos, em *correlação litteraria* com o *texto* vertido.

L. — Parodiou-se tambem o *mantuano cantor* da ENEIDA: — mudando-se de METRICOS, em *syllabicos picarescos,* os dulcissimos *versos maronianos.*

Foi *parodiador* o faceto *Scarron,* « primeiro marido da *Marqueza de Maintenon* » : — titular famigerada entre as *damas francezas* da epocha, e não menos que o *marido* entre as celebridades d'então.

LI. — *Parodiada* a ILIADA dos *gregos,* e a ENEIDA dos *romanos;* mal podiam eximir-se de *fado egual,* «nas lettras portuguezas», os *Lusiadas* do *Camões* — «epopea equipollente a *ambas*».

E assim viera a acontecer em 1589 — « passados apenas 17 annos depois da publicação inicial do POEMA, na officina de *Antonio Gonçalves* - em 1572.

LII. — N'esse anno de 1589, *quatro* foram os PARODIADORES dos *Lusiadas* em EVORA — «escholares» alli então na *universidade,* a que em 1558—em 20 de Septembro — dera inicio o « cardial-rei » *D. Henrique,* exornado antes com a *mitra bracarense,* por fallecimento de *D. Diogo de Sousa* em 1532:

O *Dr. Manuel do Valle de Moura,* deputado da *inquisição* em 1603, e auctor da «obra» *De Encantationibus et Ensalmis* em 1620 — cognominada ERUDITA por *D. Francisco Manuel de Mello,* na CART. I da CENTURIA IV:

O *Padre Bartholomeu Varella,* «poeta famigerado» no seu tempo — embora sem *inscripção* em *Diogo Barbosa Machado,* na *Bibliotheca Lusitana:*

Luiz Mendes de Vasconcellos, «familiar» do «arcebispo eborense» *D. Theotonio de Bragança* — que tivera a *mitra* desde 1578 a 1602 — e fôra em antes *abbade* nas *Caldas de Visella,* « na parochia de *S. João das Caldas*» —cognominada então *S. João Baptista de Gominhães,* e conjuncta á «nossa natalicia» de *S. Miguel das Caldas.* — E isto o distingue do «escriptor homonymo» *Luiz Mendes de Vasconcellos,* capitão-mór das armadas do *Oriente,* e auctor afamado da *Arte Militar* e *Do Sitio de Lisboa:*

O *Licenciado Manuel Luiz,* «prior» da egreja de *Terena* — extincta villa do *Alemtejo* a umas 7 leguas de *Evora* — o *promotor essencial* da PARODIA, e o *principal feitor* de «quasi toda».

LIII. — Eram então *escholares theologos* os QUATRO PARODIADORES:—e para sentir é, que só dos *Lusiadas* nos *parodiassem* o *Cant. I* — convertendo-o do HUMANO no DE-VINHO.

Se elles na tarefa não parassem, teriamos hoje uma *obra* de primor na *especie* — com os *dez cantos inteiros* do *poema*.

LIV. — Eis-aqui, «como especimens», as ESTROPHES I e III d'esta *parodia* — impressa pela *primeira vez* no *Porto* em 1845, e *nada vulgar* na actualidade já, nem ainda *quasi* na *reimpressão* de *Lisboa* no anno de 1880, no *tricentenario camoniano:*

«Borrachas, borrachões assignalados,
«Que de *Alcochete* juncto a *Villa-franca*,
«Por mares nunca d'antes navegados
«Passaram inda alem de *Peramanca:*
«Em *pagodes* e *ceas* esforçados,
«Mais do que se permitte a gente branca,
«Em EVORA cidade se alojaram,
«Onde *pipas* e *quartos* despejaram.

«Cessem do *Novellão*, do gran *Barbança*,
«As grandes bebedices que fizeram:
«Calle-se do *Rangel*, e do *Carrança*,
«A multidão dos vinhos que beberam:
«Que eu canto d'outra gente e d'outra lança,
«A quem *frascos* de vinho obedeceram:
«Cesse tudo o que a musa antiga canta,
«Que outro beber mais alto se alevanta.

LV. — Em 1877, appareceu em PARODIA ainda o mesmo *Canto* do CAMÕES, nas *Poesias Posthumas* de *Faustino de Novaes* — editadas no *Porto* por *Ernesto Chardron*, o mais arrojado «editor de livros» em *Portugal*.

Eis-aqui, «como especimens egualmente», as mesmas ESTROPHES I e III d'esta *parodia:*

«Valem pouco os *barões assignalados,*
«Que — despidos na *praia lusitana* —
«*Por mares nunca d'antes navegados*
«A nado foram ver a *Taprobana:*
«Outros heroes eu canto, que—*esforçados*—
«Foram pescar mais longe carne *humana,*
«E palacios depois *edificaram,*
«E seus nomes—chrysmados—*sublimaram.*

«Ama o DINHEIRO o *grego* e o *troiano,*
«E FALSO ninguem diz, se algum *fizeram;*
«Nem juro de *Alexandre e de Trajano,*
«Que soubessem ganhar o que *tiveram:*
«Turco, moiro, francez, ou *lusitano,*
«Todos á sua voz obedeceram;
«E com rasão:—sabemos como *canta,*
«E como—tendo-o a gente—*se alevanta.*

LVI. — Antes d'esta PARODIA do *Faustino de Novaes* — adstricta como a de *Evora* a « 106 oitavas » apenas — OUTRA começára a apparecêr em *Lisboa,* em 1865, n'um volume em 8.º grande — com *ametade* do POEMA do CAMÕES.

Tem por titulo *Os Lusiadas do Seculo XIX:* — e no mesmo anno de 1877, ao apparecer no *Porto* a PARODIA do *Novaes,* apparecia tambem no *Rio de Janeiro* — solo destinado pela Providencia para *campa* do «bardo portuense»—CATALOGADA a PARODIA de *Lisboa* nos ANNAES DA BIBLIOTHECA FLUMINENSE — no Vol. III. Fasc. I, Num. 202, Pagg. 33 e 34.

LVII. — Eis-aqui ainda as ESTROPHES I e III do *Cant. I*—«como especimens» tambem d'esta PARODIA, de que fôra auctor *Francisco Augusto d'Almeida,* oriundo de *Santarem* — onde nascêra em 1838:

«Os asnos, *figurões assignalados,*
«Que da classe dos *getas* e *bananas,*
«Por motivos já bem justificados,
«Passaram inda alem dos fofos *Tanas* :
«Em certo dia muito apouquentados,
«Mais do que julgam almas sempre humanas,
«Entre *Vianna* e *Vallada* edificaram
«*Novo reino,* que tanto sublimaram.

«Cessem do *Fontes* e *Cabral,* tyrannos,
«As *empalmações* grandes que fizeram :
«Calle-se do *Eugenio,* e do *Avila* [illegible]*o,*
«A fama dos *int'resses* que tiveram :
«Que eu canto o peito illustre d'um *magano,*
«A quem *bambos heroes* obedeceram :
«Cesse tudo o que a musa antiga canta,
«Que outro valor mais alto se alevanta.

LVIII. — Com os «especimens» de CENTÕES e PARODIAS—«seleccionados aqui de nós»—facil é o aquilatar-se á risca — em accôrdo com OS VOCABULARISTAS — a *etymologia* d'ambas as *palavras.*

Fal-o-hemos em relação aos CENTÕES «primeiro» ; e em relação ás PARODIAS «depois».

LIX. — Á *etymologia* dos CENTÕES, em sobra a illucida o famigerado ERASMO — na OBRA não menos famigerada ADAGIORUM CHILIADES QUATUOR.

Copiaremos as proprias palavras d'este «hollandez egregio» de *Rotterdam* — de quem assim escreve *Thomaz Martimer*, no STUDENT'S POCKET DICTIONARY :

«He is the most correct and elegant Latin writher amongst the moderns».

LX. — Eis-aqui a *copia* alludida :

«CENTONES dicuntur *vestes a variis panniculis, ac diversis etiam interdum coloribus consarcinatae*».

«Ad harum similitudinem CENTONEM vocant *carminis genus, ex diversis carminibus, et carminum fragmentis, hinc atque illinc accersitis contextum*».

«*Graeci* κέντρωνας appellant, *additâ litterâ quam abjiciunt Latini*».

LXI. — Nos AMUSEMENTS PHILOLOGIQUES de *Gabriel Peignot*—PSEUDONYMOSADO em *Philomneste*—eis-aqui tambem as «proprias palavras», em accôrdo a este respeito :

«Les *soldats romains* se servaient de CENTONS, ou *vieilles étoffes* ramassées, pour s'en faire des PLASTRONS, qui les garantissaient des traits des ennemis».

LXII. — Em relação á *etymologia* da « palavra » PARODIA, lucidamente a individua o mesmo *Gabriel Peignot*, nos mesmos AMUSEMENTS PHILOLOGIQUES.

Eis-aqui as proprias palavras suas :

«Le mot PARODIE qui vient du grec παρῳδία *(canticum)* — racine, παρά *(juxta)* et ᾠδή *(cantus*,

carmen) — signifie à la lettre *un chant composé à l'imitation d'un autre :* — et par extension, on donne le nom de PARODIE *à un ouvrage en vers, dans lequel on détourne* — DANS UN SENS RAILLEUR — *des vers qu' un autre a faits dans une vue différente*».

LXIII. — Apesar da «individuação» do *exposto*, addir-lhe-hemos ainda as «linhas seguintes» — como «corôa complementar» — nos mesmos AMUSEMENTS hauridas :

«On a la *liberté* d'ajouter ou de *retrancher* ce qui est *nécessaire* au *dessein* qu'on se propose :—mais on doit conserver *autant de mots* qu' il est *nécessaire* pour rappeler le souvenir de l'*original* dont on emprunte les *paroles*».

«L'idée de cet *original*, et l'application qu' on en fait *à un sujet d'un ordre moins sérieux*, forment dans l'imagination un *contraste* qui la surprend : — et c'est en cela que consiste la PLAISANTERIE de la PARODIE».

LXIV. — Em relação ás IMITAÇÕES em POESIA, não passam ellas em regra — «no meio dos seus atavios» —de VERSÕES LIBERRIMAS no assumpto.

E até os IMITADORES por isso — « com não pouca frequencia » — dão ás IMITAÇÕES o nome de VERSÕES, addindo-lhes *algumas vezes* o «epitheto» de PARAPHRASTICAS — para os «pouco lidos» as não tomarem por METAPHRASTICAS.

LXV. — «Vulgarissimas» são em todas as linguas as IMITAÇÕES POETICAS : — e nós á larga as podêmos

enumerar, em «quasi cada um» dos esplendidos POETAS NOSSOS.

Limitar-nos-hemos no entanto — em adstricção aos «limites naturaes» d'um PREAMBULO — a pouquissimas *indicações* na ESPECIE, n'este nosso *escôpo* final.

LXVI. — Nos LUSIADAS de CAMÕES, achamos no *Cant. IV, Est. LXV,* estes *versos* 1 e 3:

«Viram gentes incognitas e extranhas,
«Vendo varios costumes, varias manhas.

No *Cant. VI,* Est. LIV, achamos este *verso* 4:

«Varias gentes e leis, e varias manhas»

No *Cant. X,* Est. LXVIII, achamos este *verso* 3:

«Varios de gestos, varios de costumes»

No mesmo *Cant. X,* Est. XCI, achamos estes *versos* 7 e 8:

«Varias nações, que mandam varios reis,
«Varios costumes seus, e varias leis.

LXVII. — N'estes *versos alludidos,* ninguem verá mais que uma IMITAÇÃO POETICA — «uma versão liberrima» — do *Cantor* da ENEIDA no Livr. VIII, nos *versos* 722 e 723:

.... «incedunt victae longo ordine gentes,
«Quam variae linguis, habitu tam vestis et armis»

Vêl-a-hemos em *Petrarcha* ainda, na *Canção* XXXV:

«Chi mi fecer cangiar vita e costumi»

— e na *Canção* XLVIII:

«Dure genti e costumi»

— e no TRIUMPHO D'AMOR, Cap. II:

«Varii di lingui, varii di costumi»

LXVIII. — Podêmos achar no entanto — «n'outros poetas ainda» — esta IMITAÇÃO mesmissima, «variada em *contextura* somente:

Vêl-a-hemos em *Bernardo Tasso* — («Tasso Pae») — no FLOSIDANTE, Cap. VIII:

«E varie terre vide, e varie genti»

Vêl-a-hemos em *Torquato Tasso*—(«Tasso Filho») — na JERUSALEM, Cant. XV:

«Diversi han riti, ed habiti, e favelle»

Vêl-a-hemos em *João Pila'deo,* na Epist. II:

«Veder varii costumi, e varie genti»

Vêl-a-hemos em *João Baptista Guarini,* no *Pastor Fido*, Act. V. Scen. I:

«Stato, vita; pensier; costumi»

Vêl-a-hemos em *D. Alonso de Ercilla,* na ARAUCANA, Cant. XXVII:

«En leys y en costumbres diferentes»

Vêl-a-hemos em fim em *Francisco de Sá de Miranda,* na Eclog. V. Est. III:

«Vi terras, vi costumbres diferentes»

LXIX.— Nem sempre ainda assim — NAS IMITAÇÕES POETICAS — ha *contextuação* de *egual por egual*, á similhança dos *especimens* individuados.

Ou ha «quasi sempre» IMITAÇÕES com AMPLIAÇÃO — ou «quasi sempre» IMITAÇÕES com ENCURTAÇÃO.

LXX. — Em CAMÕES, ha IMITAÇÃO com AMPLIAÇÃO na ODE IX — em que nos descreve desde a *primavera* a successão das *estações* do anno — comparando-lhes com as alternativas as da *vida humana*:

«Fogem as neves frias
«Dos altos montes, quando reverdecem
«As arvores sombrias:
«As verdes hervas crescem,
«E o prado ameno de mil cores tecem.

....
....

«Nem *Theseu* esforçado,
«Ou com manha ou com fôrça valorosa,
«Livrar póde o ousado
«*Perithoo* da espantosa
«Prisão lethea, escura e tenebrosa.

LXXI. — Nos Commentarios de *Manuel de Faria e Sousa* ás Rhythmas de Camões — Tom. III. Pag. 174 — diz d'esta Ode o nosso *compatricio pombeirense* da *Ribeira do Visella*:

«Toda la Oda es la VII del Lib. IV de Oracio; pero — *si no me engaño* — queda mi poeta muy ventajoso».

«Esta tiene 13 *estancias* y la de Oracio 14, cada una de *dós versos* — el *primero* largo, y el *segundo* corto».

«Lo que de Oracio toca a esta *estáncia* (I) es esto»:

«Diffugere nives; redeunt jam gramina campis,
«Arboribusque comae;
(«Mutat terra vices, et decrescentia ripas
«Flumina praetereunt)

«Y tambien embolvió aqui el poeta lo mejor de la Oda IV del Libro I del propio (Oracio) — que entra d'este modo»:

«Solvitur acris hyems grata vice veris et Favoni
(«Trahuntque siccas machinae carinas:
(«Ac neque jam stabulis gaudet pecus, aut arator igni:
«Nec prata canis albicant pruinis.

LXXII.—Uma AMPLIAÇÃO COM ENCURTAÇÃO, da-nol-a CAMÕES nos *Lusiadas* — Cant. II. Est. LIII:

«Nunca com Marte instructo e furioso
«Se viu ferver *Leucate,* quando *Augusto*
«Nas civis *Actias* guerras animoso,
«O capitão venceu *Romano* injusto;
«Que dos povos de *Aurora* e do famoso
«*Nilo*, e do *Bactra Scytico* e robusto,
«A victoria trazia e preza rica,
«Prêzo da *Egypcia* linda e não pudica.

LXXIII. — N'esta IMITAÇÃO POETICA, summaría CAMÕES com mimo ao *Cantor* da ENEIDA — no Livr. VIII. v. 675 a v. 688:

«In medio classes aeratas, Actia bella,
«Cernere erat: totumque instructo Marte videres
«Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus.

. . . .

. . . .

«Huic ope barbarica variisque Antonius armis
«Victor ab Aurorae populis et litore rubro
«Aegyptum, viresque Orientis, et ultima secum
«Bactra vehit; sequiturque, (nefas!), Aegyptia conjux.

LXXIV. — Em relação a esta IMITAÇÃO POETICA nos *Lusiadas* — e ás *congeneres* com ella — com rasão nos diz *Francisco Dias Gomes* nas POESIAS — na Pag. 335, Not. 2:

...... «e esta é a *mais rara* de todas as IMITAÇÕES, de *quantas* tenho visto nos POETAS que hei lido».

LXXV. — Nos COMMENTARIOS *de Manuel de Faria e Sousa aos Lusiadas* de CAMÕES, dá-nos tambem o nosso *compatricio pombeirense* da *Ribeira do Visella* — em relação á mesma IMITAÇÃO da ENEIDA na JERUSALEM do TASSO — estas judiciosissimas palavras (Tom. I. Pag. 471):

.... «parece que el gran TASSO saliò a singular *palestra* con el gran CAMOENS, sobre quien avia de quedar victorioso en la IMITACION d'este lugar de VIRGILIO: — i si el juyzio no me engaña, el TASSO con venir *segundo*, no queda *primero*».

«Veamoslo; que es la est. IV. del Cant. XVI. — Dize assi: *i esten atentos los juezes:*

«D'incontra è un mare, e di canuto flutto
«Vedi spumanti i suoi cerulei campi:
«Vedi nel mezzo un doppio ordine instrutto
«Di navi e d'arme, e uscir dell'arme i lampi.
«D'oro fiammeggia l'onda; e par che tutto
«D'incendio Marzial Leucate avvampi:
«Quinci Augusto i Romani, Antonio quindi
«Trae l'Oriente, Egizj, Arabi, ed Indi.

LXXVI. — Em 1864, deu-nos o POETA *José Ramos Coelho* — «o *ultimo* dos *nossos versores* do TASSO em *vernaculo*» — esta OITAVA ITALIANA assim:

«Está defronte um mar, que as alteradas
«Ondas cobre de mantos espumantes;
«No meio, em dupla ordem, são postadas
«Naus e armas, brilhando radiantes:
«Arde em guerra *Leucates*; incendiadas
«São as aguas, como ouro scintillantes.
«D'um lado *Augusto* e *Roma*; *Antonio* em frente
«C' o *indo, o egypcio, o arabe, o Oriente.*

LXXVII. — Limitando-nos a estes *especimens* apenas; coroal-os-hemos no entanto com «alguns mais» ainda, simultaneos aos *centões*, ás *parodias*, e ás *imitações* — dando o «primeiro logar» a um *trabalho,* raro na *especie* e valioso.

Alludimos ao TRIUMPHO DAS ARMAS PORTUGUEZAS, *exalçando os feitos heroicos da nossa guerra com os castelhanos, posterior á denodada restauração de 1640*: — « opusculo » *muito raro na actualidade*, devido a *André Rodrigues de Mattos* — «em 1682 *o primeiro versor nosso* do TASSO em *vernaculo*» — IMITANDO, PARODIANDO, e CENTONISANDO n'elle ao *Camões*.

LXXVIII. — Eis-aqui as *duas estrophes primeiras* d'este POEMETO, impresso em *Lisboa* em 1663 — e de novo reproduzido no *Porto*, no *Museu Camoniano* de *Lindolpho Bettencourt* e *Carneiro e Mello*, no TRICENTENARIO de *Camões* no anno de 1880:

«As armas e os varões assignalados,
«Que—pelo amor da patria—expondo a vida,
«Por portuguezes, mais que por soldados,
«Alcançaram *victoria* tam subida;
«Com VERSOS de OUTRA PENNA sublimados,
«Para que minha musa seja ouvida,
«Cantando espalharei por toda a parte,
«Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

«Cessem do sabio *Grego*, e do *Troiano*,
«As *acções* que no mundo eternisaram:
«Porque hoje do SOBERBO CASTELHANO
«Maior estatua os nossos derribaram.
«Prostre-se tudo ao NOME LUSITANO,
«A quem tantos despojos se prostraram:
«Cesse tudo o que a musa antiga canta,
«Que outro valor mais alto se alevanta.

LXXIX. — Em *reverso completo* d'estas DUAS ESTROPHES, eis-aqui um TRECHO APROSAICADO, em que o nosso *João Felix Pereira* — em manifesta *aberração* litteraria — IMITÁRA, PARODIÁRA, e CENTONISÁRA o *Camões* tambem, transtornando-nos a seu modo os *Lusiadas* inteiros:

«*As armas e os varões assignalados,*
«*Que da occidental praia lusitana*
«Por mares, nunca d'antes percorridos,
«Alem da TAPROBANA ainda foram;
«E usados nos perigos e nas guerras,
«Mais do que permittia humana fôrça,
«*Entre gente remota edificaram*
«Novo reino, que tanto enobreceram:

«*E tambem as memorias gloriosas*
«*D'aquelles reis, que foram dilatando*
«A fé, o imperio; e as viciosas terras
«D'*Africa,* e d'*Asia* destruindo andaram;
«E aquelles que, por bellicas proezas,
«Libertando se vão da lei da morte;
«Cantando espalharei por todo o mundo,
«Se a tanto o engenho e arte me ajudarem.

LXXX. — Nos *Lusiadas do Seculo XIX* — desmantellados assim no TRICENTENARIO do CAMÕES

no anno de 1880 — verão com magua os *estudiosos*, «entre as estropiadas oitavas camonianas», as DUAS aqui de nós alludidas.

Não se creia no entanto, que só então realisára *João Felix Pereira* — COMO HOMENAGEM SUA A CAMÕES — o desmantellamento poetico dos *Lusiadas*.

Folheando-se-lhe a SELECTA PORTUGUEZA — em *Lisboa* impressa em 1875; e em 1877 ampliada pelo *auctor* em 3 « volumes » com o titulo de SELECTA NACIONAL — achar-se-lhe-hão « estropiadas *oitavas* camonianas », desde pag. 184 a pag. 337.

LXXXI. — D'entre as *imitações poeticas* — numerosas em POESIAS patrias — DUAS lembraremos ainda aqui, sem rasão *omissas* nas MONOGRAPHIAS CAMONIANAS — a lume vindas no anno de 1880, no *tricentenario* do *Camões*.

Alludimos á BIBLIOGRAPHIA CAMONIANA do *Dr. Theophilo Braga,* luxuosamente editada pelo *Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro:* — ao CATALOGO OFFICIAL da *Exposição Camoniana* do PALACIO DE CRYSTAL no PORTO, em que trabalharam *Tito de Noronha* e *Joaquim de Vasconcellos:* — e ao *Catalogo da Camoniana* da BIBLIOTHECA PUBLICA PORTUENSE, coordenado *anonymamente* pelo *guarda-salas* do «estabelecimento» *Ricardo Pinto de Mattos* — só no fim com INICIAES indicado.

Alludimos ainda até ao *Catalogo da Camoniana* do *Bibliophilo José do Canto,* exposta ENTÃO na *bibliotheca publica* de *Ponta Delgada* na « ilha açoriana » de *S. Miguel:* — e alludimos ainda até, e SOBRE TUDO, ao nosso indefesso *Visconde de Juromenha* nas OBRAS DE CAMÕES, na *menção bi-*

bliographica dos *escriptos* ao HOMERO PORTUGUEZ attinentes, como *especies litterarias* da *polygraphia camoniana*.

LXXXII. — A *primeira* das IMITAÇÕES POETICAS — de que daremos *indicação* aqui — acha-se em *João Chrysostomo de Faria Cordeiro de Vasconcellos de Sá*, no EPICEDIO *á morte* do *Rei D. João V*, em Lisboa impresso em 4.º — em 1750.

É uma IMITAÇÃO do SONETO LXXXIII do *Camões*, á morte da *Infanta D. Maria*, «filha ultima» do *Rei D. Manuel*, e da «3.ª mulher» *D. Leonor* — irman do «rei da Hispanha» *Carlos V*.

LXXXIII. — Eis-aqui a IMITAÇÃO POETICA alludida, inserta na «ultima pag.» 24 — e que tambem no CULTO FUNEBRE *á memoria do Rei* D. JOÃO V, « Collecção II. Pag. 25 », acharemos inserta ainda — sem a *designação* do *auctor*:

«Quem levas, Morte, ahi ?—Do LUSO a GLORIA.
«Porque a queres levar ?—Por lei mui justa.
«Não te intimida um REI ?—Muito me assusta.
«Pois attreves-te então ?—Por mais vangloria.

«Custou-te a superar ?—Guerra notoria.
«Custa a vida a vencer ?—A d'um REI custa.
«Que levas por tropheo ?—A vida augusta.
«Que deixas por despojo ?—Alta memoria.

«Hoje, a fama que diz?—Ais mui sentidos.
«A *Lysia* que recita?—Pena dura.
«Com a magua que faz?—Perde o juizo.

«Onde dás gloria a *João*?—Nos ceos subidos.
«Onde o corpo vais pôr?—Na sepultura.
«E sua alma levar?—Ao *Paraiso*.

LXXXIV.—Em *Camões* nas Rhythmas, eis-aqui o Soneto d'esta *imitação*, e a que não deixa de ser *correlato* ainda o xxxvii — como *epitaphio* de *varão clarissimo*, com inicio ao *uso epigraphico* de passadas eras, endereçado aos *viandantes* com o «deprecativo» *Siste, viator*:

«Que levas, cruel Morte?—Um claro dia.
«A que horas o tomaste?—Amanhecendo.
«E entendes o que levas?—Não o entendo.
«Pois quem t'o faz levar?—Quem o entendia.

«Seu corpo quem o gosa?—A terra fria.
«Como ficou sua luz?—Anoitecendo.
«Lusitania que diz?—Fica dizendo....
«Que diz?—Não merece a gran Maria.

«Mataste a quem a viu?—Já morto estava.
«Que discorre o amor?—Fallar não ousa.
«E quem o faz callar?—Minha vontade.

«Na *côrte* que ficou?—Saudade brava.
«Que fica lá que vêr?—Nenhuma cousa.
«Que gloria lhe faltou?—Esta *beldade*.

LXXXV. —Eis-aqui de *José Daniel Rodrigues da Costa*—em A VERDADE *exposta ao* REI D. JOÃO VI, em *Epistola* impressa em 1820 em Lisboa—uma PARODIA do mesmo *Soneto* do *Camões, omissa* egualmente nas MONOGRAPHIAS CAMONIANAS, aqui já de nós indicadas (LXXXI):

«*Portugal,* que tiveste?—Infermidade.
«E que mal padecias?—Mal d'entranha.
«Não te accudiram?—Sim, mas foi patranha.
«Quem é que te mantinha?—A caridade.

«E de comer que tal?—Muita vontade.
«E soffrias seccura?—Era tamanha!...
«Tinhas febre?—O havel-a não se estranha.
«E agora?—Soffro só debilidade.

«Do que te receitavam, que presumes?
—«Que intentavam á vida dar-me côrte,
«Sem terem compaixão dos meus queixumes:

«Mas minorou meu mal, indaque forte;
«E á fôrça de dieta nos costumes,
«Nova Constituição me salva á morte.

LXXXVI. — Nas Poesias de *Domingos dos Reis Quita* — na *Arcadia Lusitana* o *Alcino Micenio* — ha no Tom. II de 1781, *Segunda edição,* uma imitação poetica do Soneto XIX do *Camões*.

É endereçada á morte do mesmo Quita, pelo *amigo* confrade *Domingos Maximiano Torres* — Alfeno Cynthio na *Academia de Humanidades*, convertida depois em Academia das Bellas-Lettras de Lisboa — e só por erro confundida com a *Arcadia Ulyssiponense*.

LXXXVII. — Eis-aqui a imitação poetica alludida — na pag. 369 inserta — e com *omissão egual* aos alludidos espeçimens anteriores (LXXXV):

«Alma feliz, que para o ceo voaste,
«Livre d'esta prisão e carcer' cego,
«Onde gosas — em placido socego —
«Do Summo Bem, que tanto, *Alcino,* amaste!

«As procellas horrificas domaste
«D'este empollado e furibundo pégo:
«Melhor que as evitou o SABIO GREGO,
«As perfidas sereas evitaste.

«Se n'essas regiões sempre ditosas,
«*Immensa plenidão do prazer puro*,
«Escutas minhas vozes saudosas;

«De lá me mostra n'este valle escuro,
«Com as tuas virtudes luminosas,
«Por onde subirei a ti seguro.

LXXXVIII. — Em CAMÕES nas *Rhythmas*, eis-aqui o *imitado* SONETO XIX alludido:

«Alma minha gentil, que te partiste
«Tam cedo d'esta vida descontente;
«Repousa lá no ceo eternamente,
«E viva eu cá na terra sempre triste.

«Se lá no ASSENTO ETHEREO, onde subiste,
«Memoria d'esta vida se consente;
«Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
«Que já nos olhos meus tam puro viste.

«E se vires que póde merecer-te
«Alguma cousa a dôr que me ficou
«Da magua, sem remedio, de perder-te;

«Roga a Deus que teus annos encurtou,
«Que tam cedo de cá me leve a vêr-te,
«Quam cedo de meus olhos te levou.

LXXXIX. — Eis-aqui uma *parodia* em fim — correlativa ao mesmo Soneto xix do Camões — excerptada de *José Daniel Rodrigues da Costa* em *A Murmuração,* «Part. Seg. Pag. 34» — com *omissão egual* tambem aos alludidos especimens anteriores (lxxxvii):

«Tença minha infeliz, que te partiste
«Tam cedo, d'estes lares descontente,
«Não fiques, onde estás, eternamente:
«Lembre-te quem sem ti vive tam triste.

«N'esse encantado cofre onde subiste,
«Se inda alguma esperança se consente,
«Vem apagar da fome o fogo ardente,
«Que desde que me faltas em mim viste,

«Quizera esta fineza merecer-te;
«Pois no PADRÃO, que apenas me ficou,
«Foi o mesmo encartar-me, que perder-te.

«Permitta o CEO—que tanto te incurtou!—
«Que ainda por um anno possa vêr-te,
«Sem se dizer, que a morte me levou.

XC. — Conhecemos bem, quanto nos deixamos correr *ao sabor da penna* — podendo-nos ter contraido em sobra, nos *transumptos* aqui dados.

Seria no entanto em *desproveito* de MUITOS, o que tentaramos *forrar* assim em *attenção* a POUCOS — merecendo-nos ainda MUITO MAIS o *Fr. Christovão Osorio.*

XCI. — Nasceu em *Lisboa* este nosso «auctor» da *Pancarpia,* tendo por PAES a *Affonso Gomes* e *Maria Osorio:* — e entrando na ORDEM TRINITARIA, professou no «convento patrio», a 27 de Maio de 1590.

Em 1217, no reinado de *D. Affonso II,* tinha entrado no reino a ORDEM, com *oito religiosos* de *França* — enviados pelo «Geral» para os «conventos» da *Terra Sancta* na *Asia,* e arrojados por uma «tormenta do mar» á barra de *Lisboa.*

XCII. — O *Padre Antonio dos Reis* — ornamento da CONGREGAÇÃO DO ORATORIO de *Lisboa,* não só como

latinista consummado, senão ainda como *varão sem amor do engrandecimento,* a ponto de regeitar o BISPADO de *Pekin* na *China,* assim como no paiz o *govêrno* do *arcebispado* de *Braga* — não se olvidou d'exalçar a *Fr. Christovão Osorio,* como *poeta illustre* da nossa patria.

Memora-o no ENTHUSIASMO POETICO dos seus *Epigrammas Latinos* — com o n.º 179 — d'envolta com *outros poetas eguaes:* — e em «quatro versos portuguezes», na VERSÃO d'esses EPIGRAMMAS com o titulo de *Imagens Conceituosas,* a todos memora assim *João de Sousa Caria:*

«Um *Eça* e um *Saraiva, Flavio,* OSORIO,
«Claros lustres do *Emporio;*
«Um *Nunes,* um *Gouvea,* e um *Peralta,*
«Em que o *Monte* se exalta.

XCIII. — O *Eça* — é *Vicente Soares Eça e Avila,* LISBONENSE, auctor dos *Donayres de Terpsicore* — Madrid, 1663:

O *Saraiva* — é *Bernardo da Fonseca Saraiva,* BRACARENSE, «vigario geral» do *arcebispado primaz,* elogiadissimo em *D. Agostinho Barbosa* no «volume» DE POTESTAT. EPISCOP., Part. I. Tit. III. Cap. VIII. num. 18—sendo auctor, «alem de mais», do *poema heroico*

Bella *inter Regem* Dyonisium, *et Principem* Alphonsum *filium, impiè et temerè suscitata, à Sanctissima Regina* Elisabetha *per miràculum gloriosè sedata:* — «lucubração meritosa», impressa anonyma em 1626 em *Coimbra,* na obra consagrada á *c a n o n i s a ç ã o* da *Rainha Sancta Isabel* — no «certame poetico» da Universidade em 1625 — com o titulo de Sanctissimae Reginae Elisabethae Poeticum Certamen:

O *Flavio* — é *Flavio Jàcobo,* eborense, latinista insigne, e auctor dos Dysticha moralia — em o nosso *Achilles Estaço* elogiados, e impressos nas duas obras seguintes:

«Cato Major, Veneza — 1592:
«Cato Minor, Veneza — 1596.

XCIV. — O *Nunes* — é *Antonio Nunes,* bejense, «commendatàrio» do *Hòspital* do Sancto Espirito em *Italia* — irmão de *Fr. Ignacio de Sancta Maria,* «augustiniano descalço» em *Roma* e *Milão,* e «escriptor nosso» tambem — auctor das duas obras seguintes:

«Diario *della Misericordia di Dio,* Milão — 1666:
«Consuelo *del alma contrita,* Milão — (1666).

O *Gouvea* — é *Marçal de Gouvea,* bejense, «latinista insignissimo», irmão mais velho de *André de Gouvea,* «preceptor e regente» no Collegio de *Sancta Barbara* em *Paris,* e «principal» depois no Collegio das *Artes* na Universidade de *Coimbra;* e irmão tambem de *Antonio de Gouvea,* «jurisconsulto exalçador» das Universidades de *Tolosa, Cahors,* e *Granoble* em

França, e ultimamente da Universidade de *Mondovis* na *Saboya*.

XCV. — Sem de *Marçal Gouvea* citarmos as INSTITUTIONES *in octo orationis partes* — « Paris, 1534 » — lembraremos apenas as *producções poeticas* de «subidos quilates», amostradas por elle na Universidade de *Poictou* em *França* — onde fôra «cathedratico» — ao «preceptor» depois como elle na Universidade de *Coimbra*, em satisfação de «desejos officiaes» do rei *D. João III*, o «famigerado humanista» *Elias Vinet*: — varão louvado em *D. Jeronymo Contador d'Argote* nas MEMORIAS DO ARCEBISPADO DE BRAGA — Tom. I. Livr. II. Cap. I. Num. 401 — como *descobridor* d'uma *lapide romana* em *Braga*, existente em S. *Fructuoso*, e collocada actualmente *á direita* da *frontaria* da CAPELLA de S. *Sebastião das Carvalheiras* — «no cimo d'outra *lapide romana* tambem» — e de que de novo em referencia a *Vinet* se occupa o mesmo *Argote*, no Tom. III, SUPPLEMENTO ao Liv. IV, Num. 1332.

XCVI. — Nem deixaremos de lembrar por ultimo — em testimunho exaltador do *estro latinista* de *Marçal Gouvea* em *sabor ovidiano* — o *epigramma famigeradissimo*, por elle em *Paris* «instantaniamente» recitado n'um BANQUETE, ao observar *mais agua que vinho* no seu *copo de brinde* — e que nos seus *biographos* costuma adduzir-se, como « documento » de *repentinismo poetico*:

«In cratere meo *Thetis* est conjuncta Liaeo» :
«Est *Dea* juncta *Deo*, sed *Dea* major *eo*»

XCVII. — O *Peralta* — é *D. João Tassis e Peralta*, 2.º conde de *Villamediana* em *Hispanha*, correio-mór em *Madrid*, e nascido em *Lisboa* em 1580 — quando a CAMÕES se finava a existencia — por occasião de virem seus PAES a *Portugal*, acompanhando o rei *Filippe II* de lá e I de cá, para se coroar soberano da nossa *monarchia*.

Celebra-lhe o nascimento *Alonso Lopez de Haro*, no *Nobiliario Genealogico de España*, Part. II. Liv. VI. Pag. 29: — e exalçam-lhe o *estro* as suas OBRAS POSTHUMAS, impressas em *Alcalà* em 1629 «primeiro» e em 1634 «depois» — em *Madrid* em 1635 — e em *Barcelona* em 1648: — citando-se comtudo como de *Saragoça* as «duas edições» de *Alcalà* — 1629 e 1634.

XCVIII. — Mereceu *encomios* tambem *Fr. Christovão Osorio* — como «auctor» da *Pancarpia* — a *Fr. Lope Feliz de Vega Carpio*, conhecido usualmente como só *Lope de Vega*: — «vate prodigioso», a quem a *Hispanha* deve — «em poesia somente» — o «assombroso parto» de 21.316:000 *versos!*

Assim o escreve no *Parnaso Español* — Tom. III — *Don Juan José Lopez de Sedano*, n'uma NOTA nas *noticias biographicas* do mesmo *poeta*: — e como á *qualidade metrica* a não prejudicava a *quantidade poetica*, por isso *Anaya* — *Essay on Spanish Literature* — comparava os VERSOS de *Vega* a um *jardim delicioso, canteirado de flores donairosas*:

« *Lope de Vega* may be compared to a delicious

garden, which is thick sown with every beautiful species of flowers ».

XCIX. — *Miguel Osorio* — «*poeta* omisso em *Diogo Barbosa Machado* na *Bibliotheca Lusitana*, assim como em *Innocencio* no *Diccionario Bibliographico*, e tambem no *Manual Bibliographico* de *Ricardo Pinto de Mattos* — consagra um SONETO em « portuguez » a *Fr. Christovão Osorio*, alem d'uma DECIMA em *hispanhol* — como a poetára egualmente o *Lope de Vega*.

Nem é para se olvidar este *poeta omisso* — parente do «auctor» da PANCARPIA talvez, e não inferior em *conceitos* ao *famigerado vate hispano*; pois não devem omittir-se, *em trabalhos bibliographicos*, nem ainda as *producções* de «limitadissimas linhas».

C. — *Lope de Vega*, na *decima* que offerece, *termina-a* d'este modo:

«PANCARPIÀ texe de flores
«*Osorio* en tan docta suma,
«Que de *laurel* la presuma:
«Pues de las impireas salas
«Fenix celeste en las alas
«Le truxo tambien la pluma.

Miguel Osorio, na sua DECIMA HISPANHOLA tambem, assim d'este modo *a finda*:

«*Osorio* en cada persona,
«De las que illustrais mejores,
«Ganais notables loores;
«Pues en esta hermosa suma
«Con industria maestra (*sic*) pluma
«Coge tinta, y vierte flores.

CI. — *Fr. Luiz de Sá*, religioso da ORDEM de *S. Bernardo*, lente de «theologia» na Universidade de *Coimbra* — onde fôra egualmente *cancellario*, e tres vezes *vice-reitor* — consagra TRES SONETOS a *Fr. Christovão Osorio*, em *hispanhol* todos: — um, em allusão ao *nome* do *auctor*; outro, ao *sobrenome*; e outro, ao *titulo* da OBRA.

Nem é menos destro este «religioso», em manejar a *lingua hispanhola* embora alheia, que em eleganciar-nos *phrases portuguezas* na sua propria — repassadas d'entranhado patriotismo.

CII. — Espraia-se este *amor da patria* em *Fr. Luiz de Sá* — «em periodos galvanisantes» — nos SERMÕES que as nossas lettras lhe devem, RAROS E PREZADOS — e de que tem o *primeiro* por titulo SERMÃO ENCOMIASTICO E DEMONSTRATIVO *da indubitavel justiça, com que o Serenissimo Rei* D. JOÃO IV *fôra acclamado em* LISBOA.

Recitou-o *Fr. Luiz* em 16 de *Dezembro* de 1640 — passados apenas 15 dias depois da restauração da PATRIA — na solemnidade da *acção de graças*, que o «senado municipal» de *Coimbra* então endereçára ao ALTISSIMO, no templo do mosteiro de *Sancta Cruz*.

CIII. — Nem perderemos a « opportunidade » da *occasião,* para uma RECTIFICAÇÃO IMPORTANTE em homenagem á *verdade historica* — ultrajada a cada passo no ENSINO SECUNDARIO nos LYCEUS, onde com reverencia a deveriam acatar—*na cadeira da historia* — os *preceptores* que a offendem.

Alludimos ao chamar-se a *João Pinto Ribeiro* a ALMA da RESTAURAÇÃO de 1640, planeada *secretissimamente* desde 1638 com electrisação do *Sieur de Saint-Pé,* «diplomata francez», de quem não se esquecêra a HISTORIA DE PORTUGAL por uma *Sociedade d'Homens de Lettras,* no Tom. VI. Pag. 17: — quando só em 12 do Outubro d'esse anno fôra *Pinto Ribeiro iniciado* na CONSPIRAÇÃO, em casa de *D. Antão d'Almada* — o que SEM REPLICA é constante do *Conde da Ericeira* no PORTUGAL RESTAURADO, Tom. I. Pag. 88 — alem de corroborado com o testimunho do mesmo *Pinto Ribeiro* em 1642, na sua USURPAÇÃO, RETENÇÃO, e RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — na Pag. 220.

CIV. — Consagra tambem *Manuel de Faria e Sousa* — « polygrapho indefesso » — um SONETO e um SONETILHO a *Fr. Christovão Osorio* — « ambos em *hispanhol,* e *identicos* ambos » — á parte a *metrica especial* de cada um.

Nem são PRODUCÇÕES POETICAS de somenos valia, as que assim nos dá este «filho égregio» da RIBEIRA DO VISELLA, onde em 1590 nascêra na «parochia» de POMBEIRO, na QUINTA da CARAVELLA, « oriundo d'ascendentes d'illustrado sangue ».

CV. — D'este «berço natalicio», decantavá sempre o *Faria e Sousa* as «saudades»—*quando só em remi-*

nisconcias divagava na patria — no meio das PERE-GRINAÇÕES em « terras extranhas ».

Nem são das menos *saudosas* — « entre estas reminiscencias » — as que elle sagra a POMBEIRO na *rarissima* FUENTE DE AGANIPE, Part. II. Poem. XII, Est. 100 e Est. 103: — decantando-nos ahi o seu BAPTISMO, d'envolta com o seu FADO GENIAL.

CVI. — Eis-aqui estas DUAS ESTANCIAS alludidas — *sextinas* d'affectuosa expansão d'alma:

«El *baño* en este *templo* se exercita,
«Que es la *primera puerta* à ser *christiano*;
«Aqui me diò tambien MANO INFINITA
«Su *titulo*, y su *nombre soberano*:
«Por el amor, *sin musas*, decir quiero
«Es de SANTA MARIA de POMBEIRO.

«Aqui mi vida en un AMENO SOTO,
«Bien assombrado de castaño e roble,
«A poner en su *rueca* empeçò CLOTO,
«En nido — *quando humilde* — en nada ignoble:
«Una TORRE de LIZES adornada
«Me diò — *si nò riqueza* — SANGRE HONRADA.

CVII. — Na «transcripção» do SONETILHO de *Faria e Sousa*, diz-nos *Fr. Christovão Osorio*, que o dera á

luz o POETA VISELLENSE, na MEDIDA NOVA que INVENTÁRA, e de que fôra o PRIMEIRO ARTISTA ainda.

Não é por isso dos *nossos dias*—«como é de crença geral» — a INVENÇÃO dos SONETILHOS HODIERNOS.

Vem-lhe do SECULO SEISCENTISTA a « proveniencia metrica » — em o NOSSO acolhida apenas, e perfilhada com enthusiasmo.

CVIII. — E por os POETAS HODIERNOS — «em especies d'estas» — não darem a DEUS o que é de DEUS, e a *Cesar* o que é de *Cesar*; «merecida verberação» lhes inflige *Carlos Nodier*, «critico francez» d'elevada plana.

Dá-lh'a no seu escripto DU PLAGIAT, *de la* SUPPOSITION DES AUTEURS, *et des* SUPERCHERIES *en rapport aux* LIVRES: — «escripto» de *valiosos quilates*, e sobejissimo em si para o *renome do auctor*.

CIX. — Eis-aqui o alludido SONETILHO de *Faria e Sousa* — como comprovação da alludida ancianidade:

«Tiene Apolo de vòs zelos,
«Por pluma que en señalaros
«Flauta es ya de alientos raros,
«Ala es ya de raros buelos.

«Las fuentes atais en yelos;
«Corren peñas a admiraros;
«Viene a ser el escucharos
«Oyrse rodar los cielos.

«Texed, texed diligente
«Corona, que en oportuno
«Tiempo ciña vuestra frente.

«Pues misterio ofrece alguno:
«Si en Trinidad altamente
«Con *pluma* tambien sois uno.

CX. — Nem do *Faria e Sousa*, nem do *Miguel Osorio*, nem do *Fr. Luiz de Sá* — «como poetas encomiadores de *Fr. Christovão Osorio*, auctor de Pancarpia como *Fr. Antonio Lopes Cabral*» — diz uma palavra ao menos o *Visconde de Juromenha*, na «edição monumental» das Obras do Camões.

Falla apenas do *Lope de Vega Carpio* — com «omissão injustificada» do *Padre Reis*, de quem poderia vêr a «indicação respectiva» em *Diogo Barbosa Machado* na Bibliotheca Lusitana. — E faz esta menção nas Traducções dos Lusiadas *e outras* Obras de Camões, Tom. i. Pag. 321.

CXI. — Rematando aqui esta *peregrinação litteraria* — «longa em sobra, e em sobra divagante» — a *duas exclamações* d'alma nos fórça o *coração:* — uma, attinente aos outros; e outra, attinente a nós.

A que é respectiva aos *outros,* dizemol-a com o texto dos Machabeus, no Liv. ii. Cap. vi. versic. 12:

« Obsecro autem eos, qui *hunc librum* lecturi sunt, ne abhorrescant ».

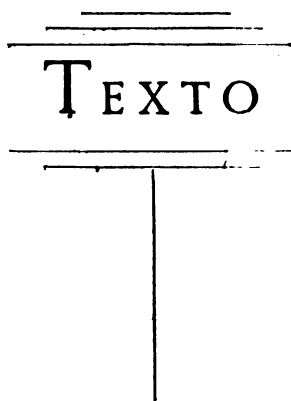
A que é respectiva a nós, dizemol-a com EXPRESSÕES do nosso *Joaquim José da Costa e Sá*, nas LATINAE ORATIONIS PARTICULAE, no *Prefacio*:

.... « antes quiz ser em muitas occasiões diffuso — que inteiramente esteril ».

— Braga, 10 Junho 1834 —

O DECANO DO LYCEU

Pereira-Caldas.

TEXTO

EXEMPLAR N.º 2

As armas d'um varão assignalado,
Que da occidental praia lusitana,
Por mar que nunca fôra navegado,
Passou—com quem passou—a *Taprobana*;
Em os perigos maiores esforçado,
Mais do que permittia a fôrça humana,
(Nas suas—ajudadas da divina—
Com seu sangue honrou a *Ordem Trina*):

Aquelle que—com armas valorosas—
Mostrou de portuguez o brio e peito;
E que com vida, e obras religiosas,
Á *India* leva fôro de respeito:
E n'ella pondo as plantas bellicosas
Se assignal-a no mais illustre feito;
D'*este* me ouçam cantar em toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Com o illustre *Gama*, que primeiro
Cortou os mares antes não cortados,
Vai *Pedro* com o pae, e companheiro,
E para o absolver de seus peccados:
Que como pae, e amigo verdadeiro,
N'elle seus bons conselhos empregados,
O filho que o venera, e o respeita,
Assim—pondo-os por obra—lh'os acceita.

Das terras, onde o sol ao pôr-se banha,
Já chegam, onde formoso apparece,
Quando a formosa aurora o acompanha,
E tormenta e trabalho já lhe esquece:
Que por elle o descanço assim se ganha,
E ganha quem por elle só merece:
Por elle vendo ao desejado *Oriente*
A *lusitana gente* está contente.

Mais contente ficou *Pedro* animoso,
Porque espera fazer tal mercancia,
Que fique farto o peito cubiçoso,
Onde da luz é farto o claro dia:
Sem trevas quer a tudo luminoso,
Que afugente as da cega idolatria,
E ganhe para *Deus* gente infinita;
Que esta é a mercancia n'alma escripta.

Perdendo o desejo á patria amada,
De dar por *Deus* a vida tem desejo;
Que seja tanta gente alumiada,
E vencido o demonio e seu despejo:
E que a fé de *Deus* seja plantada,
Tendo seus naturaes dos vicios pejo,
Lembrado em outro tempo já o fôra,
E *Deus* podia fazer o fosse agora.

Menos desposta a terra então estava
De gente obstinada e endurecida,
Que por nossos peccados povoava
Grande parte, por ella estendida:
O mouro, que a torpe seita abraçava
Do impio *Mafamede*, e de vencida
Levando a os simples moradores,
D'idolatras os faz inda peiores.

Havia grande e dura resistencia
Em tal empreza; mais *Pedro* se apura,
E aprestando armas de paciencia,
Com ellas quer domar a gente dura:
Com valoroso esfôrço á insolencia
Dos mouros resistindo, o bem procura
De todos, com um zêlo verdadeiro
Antes do gran *Thomé*—que elle primeiro.

Entre elles, e os miseros gentios,
Prègando e convertendo de contin'o,
Estranhando-lhe os impios desvarios
Lhe dá do *Evangelho* a fé e ensino:
A infernal inveja com desvios
Com odio e com furor, com desatino,
Movendo-os a furor, e odio e ira,
Contra o *sancto* com elles se conspira.

A vida lhe tiraram, e lh'a deram,
Aonde viverá eternamente;
Ficando-lhe por gloria se puzeram
Plantas e o sangue successivamente,
(*Segundo* de *Thomé*), onde tiveram
Os seus trabalhos fim; e docemente
Repousam em o *ceo*, logrando a gloria
De tam grande conquista e tal victoria.